

ERMESON VIEIRA GONDIM

*Jonas  
em  
Guararamiranga*



QUANDO UM LOBISOMEM  
BATE ASAS

## Capítulo 1

—Duas camisetas, duas normais e outra regata. Três calções. Não, melhor só dois. De todas as maneiras vamos passar o dia todo na piscina. O que não posso esquecer é o calção de banho. —Pensei para mim mesmo. Terminei a mochila com a escova de dentes, o protetor solar e as chinelas. Era o suficiente para um fim de semana prolongado, um feriadão na serra. Paulo e Joel ficaram responsáveis de comprar os mantimentos e as bebidas. O Júlio lhes ajudaria com o carro.

Tão logo terminei meu trabalho na escola naquela tarde, dirigi-me ao local de açaí que fica justo do outro lado da pracinha situada enfrente da escola. Pedi um pote de açaí com *granola*. A tarde já começava a dar lugar à escuridão da noite. Os morcegos e os pássaros cruzavam um céu violáceo como aquele açaí que eu comia. Bandos de pessoas vestidas esportivamente marchavam a passos rápidos de direita à esquerda e de esquerda à direita no calor dessa noitinha que acabara de nascer. Terminei meu açaí desfrutando cada colherada e continuei por um instante olhando o movimento das pessoas na rua. Tudo parecia muito nervoso, e ao mesmo tempo marchado por um ritmo implacável que parecia levar a um destino inevitável. Olhei para o céu novamente buscando algo de paz. O azul violáceo tinha dado lugar como num toque de mágica a um negro intenso salpicado de diminutas estrelas.

Um *buzinaço* me trouxe de volta à Terra. Era Júlio, Paulo e Joel.

—Vamos gata! —Gritou Joel com tom burlão.

*Me levantei*, peguei minha mochila, joguei o pote do açaí na lixeira que ficava na calçada e entrei no carro.

—Vocês sabem que eu não gosto que me tratem em feminino. —*Me queixei*. —E se algum aluno meu estiver por perto?

—Vão ter certeza que você é gay! —Respondeu Paulo com ironia.

—Para de tanto medo Jonas! —Completo Júlio.

Disse que não era medo, mas que isso poderia gerar um clima desagradável na escola.

—Comprei uma garrafa de rum e outra de *gin*. —Interrompeu Paulo mudando de assunto bruscamente. —O que é que vocês acham?

—Acho ótimo, mas não compraram vinho? Na serra é bom é vinho? —Queixou-se Júlio.

—Você deve estar pensando que vamos aos Alpes ou a Bariloche. —Ironizou Paulo.

—Não. Eu sei que vamos a Guaramiranga no Ceará... —Defendeu-se Paulo. —Provavelmente o melhor lugar nesse estado para se tomar um vinho.

—Você está certo. E não se preocupe, nós compramos vinho. —Respondeu Joel. —Mas também cervejas para tomar durante o dia na beira da piscina. Depois eu passo a fatura. —Completo com sarcasmo.

Propus que usássemos um app que um amigo me mostrou para calcular a quantidade que cada um teria que pagar. A ideia foi bem recebida e todos baixaram o aplicativo. Júlio ligou a música do carro. Ao ouvir as primeiras batidas

da bateria todo mundo já sabia que se tratava de uma canção de Johnny Hooker. Em coro começamos todos a cantar quase a gritos junto com ele.

—“*O que vão dizer de nós?*

*Seus pais, Deus e coisas tais*

*Quando ouvirem rumores do nosso amor*

*Baby, eu já cansei de me esconder*

*Entre olhares, sussurros com você*

*Somos dois homens e nada mais...”*

A música rompeu minhas tensões. Parecia que estava feita para mim. Depois disso a viagem ficou mais divertida e gargalhadas rolaram pelos ares com música para nossos ouvidos. Uma hora e meia mais tarde estávamos na serra. A estradinha que levava para a casa que alugamos era tão íngreme que tivemos que deixar o carro a uns 100 metros entrada da casa e subir andando com todo o peso das mochilas e das compras. Joel foi o primeiro a queixar-se mas ninguém teve nem forças nem vontade de lhe responder. Subimos tudo, colocamos as comidas e as bebidas na geladeira e finalmente fomos à varanda exaustos querendo relaxar e sentir um pouco o ambiente. Estava escuro, os grilos cantavam ao redor. Fiquei tentando saber onde se escondiam, mas era impossível saber ao certo. Por todas partes se ouviam seus finos assobios. Fazia um fresquinho agradável que se agradecia muito depois de tanto esforço com as coisas. Sentei-me numa cadeira de balanço. Joel sentou-se ao lado de Paulo e Júlio chegou com uma garrafa de rum e outra de coca-cola. Pediu-me ajuda para trazer os copos. Voltei a levantar-me e fui pegá-los. Júlio deixou as bebidas encima da mesa de madeira da varanda e voltou para a cozinha. Tardei um instante para descobrir em que armários estavam os copos. Júlio se aproximou quando eu estava tirando os copos do armário. Perguntou-me se eu queria rum ou se preferia um copo de vinho. Senti certo interesse com a pergunta, mas saindo pela tangente respondi com outra pergunta.

—O que você prefere?

—Vinho. —Respondeu.

Então eu disse que se era assim, beberia vinho com ele. Levei os copos numa bandeja. Ele voltou com o vinho, o gelo e uns pedaços de limão. Pôs tudo encima da mesa da varanda e se sentou numa cadeira perto da minha.

Paulo disse que adorava rum com *cola*, que lembrava da época em que viveu em Madri.

—Lá eles colocam até a metade do copo de rum e depois te dão uma garrafinha de coca-cola. —Comentou com alegria. —Eu tomava pelo menos uns quatro *cubatas* numa noite. —Completo Paulo.

—Pois eu gosto mesmo é de *gin-tonic*. —Disse Joel.

Fiquei pensando se o único assunto da noite ia ser nossas preferências alcoólicas. Levantei-me antes que Júlio começasse a contar as vantagens do vinho na serra outra vez. Fui até o sofá, peguei uma manta pois começava a fazer frio. Voltei para a varanda e enrolei minhas pernas enquanto sentava-me.

—E como vão as coisas Paulo? Como está sendo a volta ao país tropical? —Perguntei descaradamente mas com genuíno interesse. Notei que Paulo ficou mais sério, mas rapidamente respondeu.

—Bem! Até agora só consegui um trabalho de professor de espanhol em uma escola de idiomas. —Queixou-se deixando passar um pouco de tristeza. —E mais, só são 10 horas de aulas por semana. — Completou.

—Quando houver um concurso do Estado você pode se inscrever. — Respondi.

—Do jeito que as coisas vão, não sei se vai ter mais concurso público aqui. —Replicou-me.

—É verdade. A coisa tá bem estranha! —Respondi com tristeza.

—E você Jonas, já arrumou um namorado novo? —Interrompeu Joel.

—Não! —Respondi fingindo não me importar.

—Não tem ninguém interessante em Fortaleza para você? —Questionou Paulo.

—Tem sim, mas não sei se é o momento. —Respondi com sinceridade.

—Já faz oito meses que você terminou com o Luciano. —Disse Joel. — Quando eu terminei com o Mário em menos de três semanas estava saindo com outros caras. —Completou.

—Cada um é de um jeito. —Respondeu Júlio. —Mas você é do tipo que se apaixona a cada fim de semana e se desapaixona na segunda. — Brincou.

—Como você me entende! Nem se fosse meu psicólogo! —Disse Joel sem se importar com a exageração de Júlio.

Tomei um gole do vinho enquanto Júlio continuava.

—Às vezes a gente precisa de um tempo para pensar e também para se sentir vivo. —Disse seriamente.

Joel serviu-se outro rum-cola enquanto Paulo me observava relaxadamente e com certo interesse.

—Quando eu terminei com o Márcio o que eu queria era relaxar. Nada de coisa séria. No máximo um pouco de sexo esporádico. — Completou Júlio. —Ele era muito jovem e só pensava em baladas e moda, além de sexo, claro!

—Como eu! —Disse Joel.

Todos rimos.

—É só a idade que é diferente. —Ironizou Júlio. —Ele tinha 24 e você 32.

Paulo disse que estava cansado e que iria procurar uma cama para dormir. Joel disse que iria com ele, que no dia seguinte queria estar cedo na beira da piscina.

Júlio e eu não nos movemos. Ainda havia bastante vinho na garrafa e a conversa me havia despertado os sentidos e Júlio parecia-me cada vez mais interessante. Olhei por um instante para seus olhos. Ele olhou para meu copo e serviu-me um pouco mais de vinho. A noite pareceu ficar mais tranquila e mais acolhedora. O vento mexia as copas das árvores, mosquitos giravam caoticamente ao redor da lâmpada dependurada no teto e os grilos seguiam com sua cantoria alegre. Meus pensamentos também giravam e não me permitiam saber muito bem o que dizer, por onde começar.

—É estranho! —Deixei escapar essa frase sem saber muito bem a que realmente me referia.

—O quê? —Perguntou Paulo.

—A vida. —Disse o primeiro que me veio à cabeça.

—Sim, mas é muito bonita também.

—É, mas às vezes é complicada e nos confunde muito.

—O subconsciente é sábio. Sabe exatamente o que você precisa.

—Será? —Perguntei desejando crê-lo.

—Com certeza! —Respondeu Júlio com muita convicção.

—Bom, eu espero que você esteja correto e que meu subconsciente me leve a um lugar bem bom! —Respondi como olhando para dentro de mim enquanto dava voltas com o dedo ao borde do copo de vinho que segurava com uma mão. O vinho tinto revelava-se na penumbra da varanda de um negro-violáceo denso ou mesmo viscoso, plácido como o sangue coalhado. Sabia que esta noite dormiria na mesma cama que Júlio já que só havia duas camas de casal na casa. Júlio deve ter interpretado aquele momento como o fim do terceiro ato e se despediu.

—Bom, acho que é hora de dormir.

—Também acho.

Levantei-me junto com ele. Ele ajudou-me a recolher os copos e as bebidas, depois fechamos as portas e fomos ao quarto. Era um dormitório pequeno com paredes de tijolos nus de cor avermelhada que lhe conferia um clima aconchegante ao mesmo tempo que rústico. A cama estava coberta por uma colcha de tricô. Por debaixo, um lençol alaranjado que se deixava ver pelos brocados da colcha que fazia jogo com os espaços entre o trançado dos cipós do lustre que se dependurava do teto. A atração, o medo atravessavam-me o corpo fazendo uma malha como aquela dos secos cipós do lustre, dentro só uma luz dava vida a meu corpo —meu coração— que quente e brilhante como uma lâmpada incandescente agitava-se com uma tremenda vitalidade.

Júlio pegou sua mochila e foi ao banheiro. Enquanto isso retirei da minha mochila meu *nécessaire* sentado sobre a cama. Pensei que Júlio em um mundo ideal poderia ser meu marido. Marido, esta palavra tão pesada, tão carregada de obrigações cotidianas e morais com que nossas mães tiveram que conviver. Não, o que eu desejava não era essa figura. O que eu queria era um esposo, um companheiro, um amante e um amigo.

Júlio voltou e encontrou-me pensativo, um pouco sério.

—Desculpa. Parece que demorei muito. —Disse.

—Não. —Respondi. —Foi o vinho que me deixou um pouco adormecido.

Júlio abriu o botão das calças, desceu o fecho-ecler e as tirou. Depois tirou a cueca e meteu-se na cama do meu lado. Seu corpo era simplesmente lindo. As pernas peludas e morenas, fortes como dois pilares, lembrava as pernas de um jogador de futebol. Seu sexo estava completamente depilado. O vi rapidamente. A pele parecia suave e aveludada ainda que não houvesse nem sinal de pelos por ali.

—O que precisamos é dormir. —Disse Júlio enquanto se aconchegava à cama.

Levantei-me rapidamente e fui ao banheiro. A vibração da escova de dentes elétrica na minha boca fez-me entrar numa espécie de meditação. Com os olhos fechados pensei por um minuto no pênis de Júlio na minha boca. Tentei rapidamente *des-pensar*, imaginar o que quer que fosse de diferente. Como um suicida à beira do abismo, atraído pelo vazio e contudo sentido repulsão e medo à morte, neguei veemente tal ideia. Meu abismo estava justo ali, deitado, esperando-me naquela cama, que se todos os fatores de que conspiram no Universo compactuassem abrir-se-ia e cairíamos os dois nas profundezas de uma paixão em brasas.

Quando voltei Júlio já estava dormindo. Tirei minhas calças, mas permaneci com minha cueca, ainda que em casa tivesse o costume de dormir sem nada. Meti-me na cama com cuidado para não acordá-lo. Contemplei seu rosto por um instante. O cabelo era negro, denso e liso; as sobrancelhas grossas; os olhos grandes; o nariz proeminente e os lábios carnosos de uma cor escura e avermelhada ao mesmo tempo. Senti uma espécie de paz e alegria ao olhá-lo dormir. Seu rosto parecia harmonioso e sossegado.

Ainda que meu corpo estivesse “quebrado” do trabalho da semana, tardei um pouco em conciliar meu sono. Tinha medo de tocar-lhe por acidente e ser mal interpretado. —Que difícil é separar o desejo da realidade! Quantas vezes imaginei que alguém me queria quando era só minha maquininha de desejar que estava funcionando? —Pensei para meus botões.

—E se fosse ele que me tocasse? E se durante a noite se acercasse a meu corpo, assim nu?

Deitei-me dando-lhe as costas para não ver seu rosto que se perfilava com a réstia de luz que entrava pela janela. Fechei os olhos e tentei desfazer os laços enredados das minhas emoções e pensamentos. De repente comecei a ouvir gemidos rítmicos e contínuos que vinham do quarto ao lado onde estavam Joel e Paulo. Dei-me conta de que tinha sido muito ingênuo de acreditar que os dois iam realmente dormir antes que nós. Tentei lembrar quando foi que fiz amor pela última vez mas não consegui exatamente. Deveria ter sido umas semanas antes de terminar com o Luciano. Os gemidos deixaram-me nervoso, quase irritado. Faziam-me lembrar do solitário que eu estava e do quanto era bom foder. Aguentei até que o vaivém parou. Júlio não se mexeu. Menos mal, se não teria sido eu quem o houvesse agarrado e feito amor como um louco. Excitação era o que já não me faltava!

## Capítulo 2

Ainda com a cabeça no travesseiro ouvi ao longe o canto de um bem-te-vi e do outro lado da janela, o canto de pássaro que emitia um gorjeio seco e vibrante como uma matraca. Parecia que o dia havia amanhecido com toda pujança e velocidade. —Porque dizem que a natureza inspira paz se tudo nela se bole tão freneticamente como os átomos da água de uma chaleira? —Pensei para mim mesmo. Levantei-me da cama. Olhei para Júlio, que ao contrário do mundo lá fora, permanecia impávido dormindo virado para o lado da janela.

Saí do quarto devagar para não acordá-lo. Atravessei a casa indo até a cozinha. Os outros ainda não se haviam levantado. Abri a porta da cozinha, senti o ar ainda frio que atingiu meu corpo inteiro. Saí, comecei a caminhar pelo jardim. Na realidade parecia mais uma pequena selva de plantas ornamentais e árvores frutais —pés de jacas, mangueiras, abacateiros, sapatizeiros, pequizeiros,... —quem quer que haja plantado aquelas árvores, se é que foram plantadas, já fazia muito tempo disso, pois eram enormes.

Lembrei-me de uma vez quando subi numa goiabeira que havia no quintal da minha casa. Quando estava descendo dessa árvore, encontrei uma cobra coral toda listrada de vermelho, preto e branco, enrolada no tronco. Parecia que me estava esperando. Eu nunca havia visto uma cobra antes, mas algo em mim, ou nela, dizia que ela era perigosa. Comecei a gritar desesperadamente. Minha mãe veio e a matou. Não sei porque nunca esqueci aquela cena. Talvez porque ali

naquele momento senti-me amado e protegido pela minha mãe; ou quem sabe porque aquele foi um dos momentos que eu me senti livre para subir naquela árvore e colher os frutos que eu adorava comer; ou quem sabe porque foi ali que descobri que o perigo sempre pode estar por perto no momento em que você mais pode estar sentindo prazer; que nosso prazer sempre estar condicionado ao desejo de outro ser que não necessariamente é o mesmo nosso.

Um pouco mais adiante, encontrei várias mangas caídas debaixo de uma frondosa mangueira. Algumas estavam comidas por pássaros ou roedores. Recolhi umas quatro ou cinco que estavam intactas. Senti um certo receio de encontrar outra vez um animal peçonhento como aquele da minha infância. Decidi voltar para a casa porque ademais já estava sentindo fome e achava que os outros já deveriam estar acordados. De volta à cozinha, vi que ninguém ainda havia pisado o pé ali, assim que comecei a preparar o café da manhã —pão, manteiga, café, leite, iogurtes, queijo, bolachas,... —pus tudo encima da mesa. Finalmente descasquei umas mangas, cortei-as em pedaços e as servi à mesa.

Paulo foi o primeiro a chegar. Veio bocejando e ainda meio dormido, sem camiseta e com o cabelo todo assanhado. Com certeza não havia nem se olhado num espelho naquela manhã. Vinha direto da cama. Talvez lhe despertei com algum barulho que fiz na cozinha. Não me pareceu apropriado que viesse daquele modo, mas resolvi não me ater a isso.

—Bom dia! —Disse eu como para fazer-lhe acordar de uma vez.

—Bom dia! —Respondeu sem muita energia. —Como cheira o café! —  
Continuou.

—Obrigado! ... As mangas são de uma mangueira daqui. As encontrei no chão, mas essas eram as melhores... —Disse apontando para a travessa com as mangas cortadas.

—Que legal! É pena que eu não costumo tomar café da manhã. No máximo um café preto.

Por um momento senti-me um idiota por ter preparado o café da manhã achando que todo mundo iria gostar.

—O café está na garrafa. Pode se servir. —Disse sem olhar-lhe enquanto lavava a faca com a qual havia cortado as mangas.

Joel chegou nesse momento.

—Ai que delícia! Foi você que preparou, Jonas? —Disse ao chegar.

—Sim. —Respondi com brevidade e sentindo-me um pouco vingado da aparente ingratidão de Paulo.

—Que prendado! Já pode se casar. —Ironizou.

—É verdade. —Completo Paulo.

—Só falta o noivo, não é? —Disse eu evocando um certo tom de niilismo enquanto colocava uma cara de raiva fingida.

Os dois ficaram calados e fizeram de conta que não havia passado nada.

Nesse momento Júlio chegou. Vinha com um calção vermelho curto, com listras brancas nas laterais e uma camiseta de regatas. Podia-se ver os pelos negros do peito saindo-se pelo decote da camiseta branca. O negríssimo cabelo estava molhado e um envolvente e ácido cheiro de desodorante masculino inundou o ar.

—Bom dia! —Disse Júlio.

—Bom dia! —Respondemos um de cada vez como que de uma obrigação se tratasse.

Júlio perguntou quem havia feito o café da manhã. Paulo respondeu que havia sido eu. Júlio então me agradeceu e eu um pouco surpreso ainda por sua aparição no meio desse momento estranho como Paulo e Joel, respondi que era um prazer. Senti-me um pouco falso, pois já estava começando a chatear-me com aquela conversa com os dois. Depois disso o clima se acalmou um pouco.

—As mangas estão ótimas. —Disse Júlio comendo-as com muito gosto. — Depois vou dar uma volta pelo sítio para saber o que *tem* por aqui. —Completo.

Fiquei com vontade de dizer que poderíamos ir juntos, mas como ele não me convidou preferi ficar calado. Depois do café, Júlio se ofereceu para lavar os pratos e cobrou a ajuda de Paulo e Joel. Isso foi muito legal. Joel aceitou e Paulo disse que iria ver se tudo estava certo com a piscina porque durante a noite as folhas e algum animal poderia ter caído nela. Eu aproveitei a oportunidade para tomar uma ducha rápida e colocar o calção de banho.

Tirei minha roupa e a deixei sobre a pia. O banheiro de azulejos brancos com um *box* transparente fez-me sentir ainda mais nu. O chuveiro elétrico deu-me a sensação de estranheza, de não estar no meu próprio estado e ao mesmo tempo, medo. Medo de ser eletrocutado ali naquele banheiro frio e completamente despido. Enfrentando um medo que me corroía como um rato escondido dentro de uma parede oca, provocando desassossego e uma certa excitação, liguei o aparelho. Em segundos formou-se uma nuvem de vapor de água. Achei que estava quente demais, porém toquei a água com minha mão e percebi que estava maravilhosa. A calidez da água parecia atrair-me para dentro dela. O caudal morno e relaxante descia pelo meu corpo provocando em mim um prazer raro e sensual. Pensei na noite passada quando Júlio se despiu diante de mim. Pensei no seu corpo enquanto tocava o meu suavemente sob a ducha. O que é que faz que uma pessoa se atraia por outra? —Pensei. De onde saem estes gostos? Essas preferências? Por que são tão deliciosos? Tão absorventes? É um mistério! Peguei um sabonete em barra e o deslizei suavemente pelo meu corpo. O perfume atingiu algo em minha memória de um sentimento interessado, *voyeur*, e adolescente cheio de desejo e excitação. Passei a mão pelo meu escroto e em seguida agarrei meu pênis. Deveria já estar rígido pois me puz a masturbar no momento. Meus sentimentos e pensamentos dirigiam-se todos a uma só parte do meu corpo —meu pênis —o qual eu sentia quente, inchado e extremadamente sensível. Sem saber realmente porque, decidi parar e não levar a cabo meu ato. Ademais os outros deveriam estar já me esperando.

Saí da ducha, sequei meu corpo e vesti o sunga. A forma do meu pênis se marcou completamente nele como se eu tivesse posto ali uma linguiça ou uma banana. Resolvi então vestir um calção por cima para sair.

Quando voltei todos já estavam na piscina. Joel e Paulo estavam juntos dentro da água. Um na frente do outro cochichando coisas inaudíveis. De repente, passando a mão pelo pescoço, Joel abraçou a Paulo e o beijou ardentemente. Paulo suavemente o levou até a parede da piscina, o apertou ali e passaram um bom tempo assim. Dei-me conta de que Júlio olhou quando os dois se beijaram, mas continuou lendo um livro deitado numa espreguiçadeira de piscina.

Aproximei-me e deitei-me noutra espreguiçadeira perto de Júlio. Ele olhou-me, baixou o livro e esperou para ver se eu iria dizer alguma coisa.

—Não sabia que os dois estavam saindo. —Disse eu com admiração.

—Acho que não estão? —Respondeu Júlio.

—Não? — Perguntei com mais admiração ainda.



—Para mim eles estão ficando.

—Bom, acho que estou ficando muito fora de moda. —Respondi sentindo um pouco desarticulado, como se não soubesse mesmo como mover-me. Já fazia muito tempo que as coisas para mim não acontecia com tanta espontaneidade.

—Sempre é tempo para se atualizar, se você quiser. —Disse Júlio com um sorriso nos lábios.

—Não sei... é como você disse ontem ... cada um a seu modo. —Respondi.

—É, mas não podemos só ficar olhando a vida passar...

—Para mim... o importante... é... é... que as coisas aconteçam com naturalidade... quando tiverem que acontecer.

—A felicidade só vem quando a gente se move na direção dela. — Respondeu-me Júlio.

Fiquei pensando por um minuto olhando ao infinito. Voltei-me para ele e disse:

—E se não vem?

—Claro que vem! Sempre vem porque você sabe que fez a coisa certa.

—Não é tão simples assim, mas cada um tem uma opinião. —Respondi tentando fechar a discussão. Teoricamente podia discutir esses assuntos, mas naquele exato momento tinha a ver comigo, dava-me um pouco de vergonha e era muito difícil falar desses assuntos justamente com o homem por quem eu me sentia muito atraído.

Com saltos e berros, Joel e Paulo começaram a pedir que a gente entrasse na piscina. Tentei dissuadi-los dizendo que iria mais tarde.

—Vamos! A água deve estar maravilhosa. —Disse Júlio.

—Deve estar friíssima! —Respondi.

—A felicidade está ali. Vamos dar um passo em direção a ela?

A verdade era tão concreta, tão convincente na frase de Júlio que não tive nem palavras para lhe responder. Olhei nos seus olhos e deixei-me confiar na suas palavras. Algo em mim havia se revelado ou mesmo se quebrado. Júlio sorriu para mim, pôs-se de pé. Respondi com um sorriso que foi se abrindo , perdendo a timidez e assumindo o direito à alegria. Pus-me de pé. Júlio pegou a minha mão e nos jogamos na piscina como pedras atiradas ao rio. A água esparrinhou-se por todos os lados. Senti como se os sentimentos que estavam estagnados em mim também tivessem se esparrinhado além das fronteiras do meu ser. Divertimo-nos muito na piscina. Por um momento tive a impressão de que tínhamos voltado a ser crianças. Foi então quando Júlio propôs fazer uma “guerra” de duplas: Joel nos ombros de Paulo e eu nos de Júlio. Havia muito boa vibração. Eu aceitei sem problemas. Paulo e Joel aceitaram também. Júlio mergulhou e eu passei a perna sobre seu pescoço. Ele se levantou. Tentamos equilibrar-nos. Joel e Paulo fizeram o mesmo. A briga começou. Literalmente. Joel começou a me empurrar, mas não só. Começou a me tratar em feminino e com uma gíria gay que eu não gostava.

—Cai bicha! Vai viada! Cai logo!

Senti muita vergonha. Joel continuou.

—Cai marica! Arreia baitola!

Cada vez que Joel dizia uma dessas palavras eu sentia como se quisesse desaparecer, mas tinha que me equilibrar nos ombros de Júlio. Menos mal que ele não podia ver a minha cara. O que era vergonha deu lugar a uma raiva feroz.

—Para! —Gritei com toda minhas forças enquanto me jogava encima de Joel e Paulo acabando com a brincadeira que já estava ficando de um péssimo gosto. Saí da piscina, peguei minhas coisas sem dizer nada a ninguém. Fui para o quarto para me trocar. Depois saí do sítio também sem dizer nada. Precisava estar um pouco só. Caminhei pela estrada que dava para a casa. Havia um jumento comendo capim ao lado de um descampado de onde se podia divisar uma planície ao longe. Senti tristeza e pensei que talvez nunca tivesse a sorte de ter alguém que me amasse de verdade. Que como aquele jumento iria passar minha vida remoendo esse desejo e chegando a lugar nenhum. Sentei-me por um momento nas raízes de uma enorme árvore que ficava ali. Pareciam veias inchadas e quase me deu receio de sentar-me nelas. Era como se eu fosse causar dor aquele imenso ser imóvel, plantado ali à beira do caminho, que me fazia pensar em mim mesmo, plantado em algum lugar da estrada da vida sem poder seguir a nenhum transeunte. O passar do tempo e a beleza da vista fez minha tristeza distender-se. Porém tinha que enfrentar-me ainda a outra vergonha, — a de voltar a ver aos três que ficaram em casa. Não sabia o que deveria dizer. Responder com raiva iria aumentar ainda mais os problemas e estragar o fim de semana para todos. Resolvi voltar e não insistir no que passou, seguir até onde desse para não brigar mais.

Quando voltei tudo estava muito calmo. Júlio estava deitado numa rede na varanda. Talvez sentindo minha presença colocou a cabeça para fora e perguntou-me:

—Tudo bem?

—Tudo. Foi somente dar um passeio. —Respondi tentando esconder o fato de que tinha ficado muito chateado com o episódio de antes.

—Deixamos comida para você encima do fogão.

—Tá. Vou ver. Obrigado!

Caminhei para a cozinha sentindo-me como me sentia voltar para casa depois de ter discutido com meus pais. Sentia-me humilhado de ter que fazer as passes com eles, de sentir que tinha sempre que voltar pois no fim das contas eles eram os que tinham poder sobre mim e não o contrário. Tinha que engolir o meu orgulho e seguir como se nada tivesse acontecido. Apesar das minhas explosões de ira, nunca soube muito bem como lidar com os desentendimentos. Não somos ensinados a resolver as diferenças com o diálogo. Mas de que adianta se nem todo mundo no final vai ser como a gente. Sempre vai haver um babaca que vai saber muito bem como nos tirar do sério. — Pensei para mim mesmo.

Comi minha comida sem muito apetite e fui até a varanda. Apoiei-me no umbral da porta do lado contrário de onde estava a rede de Júlio.

—Estava boa. —Na verdade nem me havia dado conta do sabor da comida de tão absorto nos meus pensamentos.

—Eu não gostei muito. —Respondeu Júlio virando-se para o outro lado da rede para me olhar. —Foi o Joel que fez.

—Para falar a verdade, eu também não gostei. —Disse enquanto sentia que um pequeno sorriso surgia do canto direito da minha boca.

—Acho que você não deve ligar para as coisas de Joel... ele é assim com todo mundo.

—Não. Comigo é pior!

—Porque você acha... porque você acha que ele faz isso com você ? — Disse Júlio baixando a voz.

—Ele me odeia.

—E se a gente der um passeio por aí e conversar mais tranquilamente? — Propôs Júlio.

—Legal. Vamos!

O sol havia invadido nossa tarde com uma luz amarela quase branca de tão intensa. O verde das árvores mostrava-se como desbotado de tanta luz. As nuvens desapareceram do céu deixando só um azul claro difícil de se admirar por muito tempo. Parecia até que tudo havia ficado mais calmo a causa do tremendo calor que fazia. Um calor húmido e opressivo. Descemos pela varanda da casa, passamos pela piscina; ainda havia uns copos vazios ao lado das espreguiçadeiras; a água tranquila, tinha um aspecto de super refrescante; Caminhamos por entre as árvores. Júlio sentou-se em um banco feito como um tronco de coqueiro debaixo de um enorme abacateiro. Permaneci de pé por um instante enquanto observava por detrás dele as curvas do relevo das montanhas que se deixavam ver entre a vegetação.

—Não precisa se preocupar tanto com esse assunto. —Disse Júlio.

—Não é isso. —Respondi com timidez.

—Então o que é?

—Você acha que... eu... que eu... eu sou... prudente demais?

—Prudente?

—Sim, prudente... —Respondi enquanto me sentava a seu lado.

—Prudente com o quê? —Continuou Júlio. —Você disse que não estava falando do problema com o Joel...

—Não estou falando dele.

—Então do que é que você está falando? —Perguntou Júlio.

Fiquei em silêncio por um instante. Não tive coragem de olhar nos seus olhos. Olhava para fora, para a vegetação, como que de ali sairia algum tipo de resposta para minhas dúvidas mais internas.

—Posso lhe perguntar uma coisa? —Rompeu Júlio o silêncio olhando para mim.

—Pode. —Respondi timidamente.

—O que você sente por mim?

Fez-se um grande silêncio. Olhei outra vez para o longe. Mas voltei tão logo meu subconsciente deu a resposta que já estava mais que na ponta da língua.

—Sinto vontade de... de... de te beijar... Sinto vontade de estar com você! — Soltei finalmente sem querer pensar em nenhuma consequência, ao fim e ao cabo foi ele quem pediu para saber.

—E é isso que você quer? —Insistiu.

—Sim.

Júlio passou a mão pela minha cintura, olhou-me nos olhos por um fugaz segundo e beijou-me os lábios. Primeiro suavemente, mas em seguida um fogo nos invadiu. Senti sua língua grande e áspera dentro da minha boca. Achei um pouco estranho por um instante, mas minhas mãos incontrolláveis queriam tocá-lo todo o corpo. Desabotoei sua camisa com uma velocidade que nem eu mesmo sei explicar. Ele ficou de pé. Fiz o mesmo. Nos abraçamos e seguimos nosso beijo. Senti seu pênis duro, rígido como uma pedra contra o meu. Meti minha mão dentro do seu calção e o toquei. Estava quente e húmido. Depois disso colei meu corpo ainda mais ao seu e beijamo-nos enquanto roçamos nossos corpos por um

bom tempo, apoiados no tronco do abacateiro. Já quando exausto de prazer, relaxei minha cabeça no seu ombro. Júlio finalmente olhou-me nos olhos e deu-me beijinhos carinhosos ao separar seu corpo do meu.

—A vida é como uma serra como essa... se a gente olhar para cima, a gente se assusta por causa da altura... e é possível que não queiramos continuar subindo... por isso é preciso viver o momento... —Disse Júlio com um tom amável.

Enquanto Júlio pronunciava estas palavras, eu observava sua boca. Os lábios e o queixo estavam vermelhos, mas eram simplesmente lindos, de fato tudo nele parecia-me lindo, a cor escura da sua tez, os olhos amendoados, o cabelo negríssimo, os músculos do seu corpo, os negros e brilhantes pelos que cobriam suas pernas fortes...

—Vamos? —Chamou-me. —Vamos voltar para casa?

—Tá! Vamos!

Ele segurou a minha mão enquanto caminhávamos. Outra vez senti-me estranho. Era como se todo mundo estivesse olhando para mim, mas por mais que eu olhasse ao redor não via ninguém por ali. Até os pássaros haviam se calado. Talvez nos espionassem, mas os pássaros são inofensivos. Os pássaros não são como as pessoas preconceituosas que em lugar de cantar lindos cânticos de amor ou amizade nos ofendem com feias e ameaçadoras palavras de ódio, e às vezes até partem para a violência física. Aquelas mãos dadas significavam muito mais que muitas palavras que pudessem ser ditas. Para mim era a confirmação que algo havia acontecido entre nós e que desejávamos que seguisse indefinidamente. Era bom e isso bastava.

### Capítulo 3

Aquele momento com Júlio foi tão intenso e tão emocionante para mim que acho que esqueci do mundo, muito mais ainda do que aconteceu antes na piscina, mas quanto mais me aproximava da casa, mais uma certa ansiedade apertava-me o estômago e quase não me deixava respirar.

Entramos pela varanda. Ouvi as vozes de Paulo e Joel que vinham da cozinha. Pelo tom percebi que estavam muito exaltados e alegres. Uma insegurança entrou-me no corpo tirando-me as forças como as tira uma enfermidade a um moribundo. Soltei a mão de Júlio como se fosse começar a correr dali imediatamente.

—Não se preocupe... Joel não te odeia. É um brincalhão irremediável... mas é só isso. —Disse Júlio em voz baixa enquanto me olhava nos olhos.

—Eu o conheço melhor que ninguém... —Respondi ainda muito desconfiado.

—Vamos... o melhor que você faz é não ligar para esse assunto. —Rebateu Júlio.

—É... mas não sei o que dizer ...

—Então não diga nada! —Exclamou Júlio.

Tanto quanto quisesse evitar um duelo de morte e vida com Joel, outro duelo fazia-se dentro de mim: entrar ali naquela cozinha, onde eles estavam, para fazer de conta que nada havia acontecido ou insistir numa postura irremediável de não dar o braço a torcer e permanecer numa posição de defesa. Ainda que a

última parecia-me a mais justa, decidi ir com Júlio para evitar um desgosto com ele.

—O que é que está acontecendo aqui para tanta excitação? —Perguntou Júlio entrando à cozinha com um tom descontraído que anunciava tanto uma intenção de entrosar-se na *vibe* dos outros como de dizer que algo especial estava a ponto de acontecer, e esta coisa era eu, que entrava a aquele lugar.

—Oi! —Disse tão insossamente que acho que todos se deram conta da minha falsa alegria de reencontrá-los.

Joel estava à beira do fogão segurando com uma mão uma frigideira e com a outra mexendo com uma colher algum tipo de óleo que começava a chiar e a pipocar para os lados. Paulo procurava alguma coisa no armário superior da cozinha.

—Vamos fazer um *space cake*! —Disse Joel com animação.

—*Ispeici...* o quê? —Respondeu Paulo. —Um bolo de maconha. — Completou.

—Um bolo de maconha?

—Sim. Nunca ouviu falar, não?

—Não!

—A gente fica *high* por umas 3 horas. —Completou Joel.

Apoiei-me numa das paredes da cozinha com as mãos para trás e limitei-me a observar a cena. Parecia estar vendo uma série de televisão tipo *Breaking Bads*, mas versão gay. Paulo era Walter White, o mais velho e desesperado dando aulas de como fazer drogas para seu aluno, Jesse Pinkman. Na realidade, para mim, ele pareciam mesmo era Pinky e o Cérebro, aqueles personagens de desenho animado que sempre tentavam arrumar um plano miraculoso para conquistar o mundo. Só que Joel estava mais para ser o Cérebro que Paulo devido ao seu inevitável jeito arrogante de ser.

—Eu também quero desse bolo! —Disse resolvendo entrar no “rolo” e não ficar para trás. Era minha chance de mostrar que não tinha me deixado afetar pelo acontecido.

—Tem certeza? —Perguntou Paulo tirando um pacote de chocolate do armário e entregando-o a Joel.

—Já é hora de saber o que se sente. —Respondi tentando impor segurança.

Joel continuou mexendo a frigideira calado e sem se virar. Parecia que até havia se irritado com minha decisão. Isso me deu mais segurança ainda.

—Pois então vamos fazer uma festa especial hoje à noite! —Disse Júlio. — Dá para todo mundo?

—Dá que sobra. —Respondeu Joel com um tom que já não era o mesmo de antes de havermos chegado. Agora era quase áspero. Soava quase como arrependido.

—Sempre quis visitar Amsterdã... de repente Amsterdã veio a mim. — Disse como ironia enquanto me sentava em uma das cadeiras ao redor da mesa.

—Não é preciso ir a Amsterdã para ver prostitutas e fumar maconha! — Respondeu Joel.

—Com certeza, não. Aqui está cheio disso... mas eu não sou desses. Respondi.

—Não sejamos puritanos! Quem aqui nunca chupou uma rola? —Disse Joel com acidez.

—O Júlio tem cara de que nunca quebrou um prato. —Disse Paulo com ironia tentando provocar.

—Esses são os piores! —Exclamou Joel enquanto pegava um ovo de uma caixa que estava encima da mesa. —Quantos ovos são? —Perguntou olhando para Paulo.

—Oito! —Respondeu Paulo tentando conter um sorriso que se escapava dos músculos fortes do seu rosto.

—Não brinca... quantos? —Insistiu Joel.

—Quatro. —Respondeu Paulo.

—Talvez você tenha razão Joel. —Disse Júlio em um tom calmo e pacificador. —Há muita hipocrisia... a gente não pode julgar pela cara de ninguém. Às vezes quem parece muito calminho, é o pior de todos. Mas também é uma questão de educação. Não ache que eu não queria ser como você. —Completo.

—Como eu? Como eu como? Eu sou ótimo! —Disse Joel.

—Extravagante, extrovertido... —Disse Júlio.

—Que mania as pessoas têm de falar de mim! Mas ninguém sabe quem eu sou de verdade!

—Esse é o problema de ser extravagante... —Deixei sair sem nem me dar conta.

—O que você quer dizer com isso Jonas?

—Quando a pessoa só extravasa a gente só conhece essa parte dela. —Respondi com uma sinceridade um pouco malvada tentando moralizar o que realmente não era assunto meu. —A gente nunca conhece a pessoa a fundo... —Completei.

—Eu quero é ser feliz! —Defendeu-se Joel mostrando desdém. —A quem lhe interessa minha vida?

—Talvez não interesse nem a você mesmo. —Respondi. —Esse é o problema.

—Basta! Vamos parar... —Disse Júlio talvez com receio que tudo começasse outra vez. Mas a conversa já havia se elevado de tom para lá da conta. Joel ficou nervoso.

—Basta não, Júlio! O Jonas é um sabe tudo. Acha que sabe como resolver a vida de todo mundo e não resolve nem a dele.

—E você é um superficial que não tá nem aí para seus amigos! —Respondi.

—Se eu não me importasse, não estaria aqui. Agora é preciso a pessoa se liberar e curtir a vida. Você se reprime demais!

Aquela última frase de Joel fez-me sentir vergonha de mim mesmo pois sabia que no fundo era verdade, que eu me reprimia muito e também que Joel não era do tipo que não está nem aí para os amigos. De fato era quase surreal que a gente estivesse ali discutindo daquele jeito, mas existia em mim uma insatisfação que nem eu mesmo conseguia explicar porquê. As coisas na minha vida não avançavam como eu queria. Todos os dias eram a mesma coisa. Tinha casa, trabalho, amigos, mas não conseguia me conformar com nada disso. Eu queria uma vida interessante, mas eu só conseguia que ela ficasse cada dia mais quadrada, mas conservadora, mais entediada. A minha talvez fosse a mais aborrecida de todas as realidades dos subúrbios da grande Fortaleza. E exatamente porque eu trabalhava duro para conseguir aquilo que muita gente ao

meu redor não conseguia ter. Como se não fosse pouco, a monotonia, o marasmo e as frustrações do dia a dia não ajudavam: ônibus lotado com direito a engarrafamento pelas manhãs para ir trabalhar, almoço rápido para dar tempo a preparar alguma coisa diferente para as aulas, espera fatigada num ponto de ônibus que sempre chegava lotado, cheio de gente cansada, carregada, suada... mas acima de tudo conformada. Resolvi também não lutar mais contra Joel. Quem sabe às vezes se conformar é a decisão mais sábia.

—Tá certo! Pois vamos nos liberar hoje! —Disse tentando resolver o assunto

—Vamos! —Disse Joel com muito mais determinação que eu. —A final a gente veio aqui para se divertir, não foi? —Completo.

—Foi. —Respondi ainda sentindo-me meio acabrunhado.

—Então é isso! —Replicou Joel.

—Combinado.

Paulo interrompeu a conversa para dizer que Joel tinha que misturar o chocolate com a manteiga e depois os ovos. Depois disso Júlio propôs que fizéssemos uma festa à fantasia.

—Não dá. —Disse eu. —Não temos fantasias aqui. —Completei.

—Mas isso é o mais legal... cada um tem que inventar uma fantasia com o que encontrar e dançar uma música.

—Gostei. —Disse Paulo.

—Depois da janta cada um pode ir procurar sua fantasia. —Propôs Joel.

—Depois da janta e do bolo. —Matizou Júlio com tom burlesco.

Todos concordaram. Depois a conversa foi perdendo força. Eu olhei para o Júlio discretamente e os dois percebemos que era hora de terminar o papo. —Gente, acho que eu vou para o meu quarto. Preciso pensar no que vou pôr esta noite! —Ironizei fazendo um gesto feminino. Júlio disse que viria comigo.

Quando Júlio fechou a porta do quarto, fui a seu encontro. Passei as mãos por volta do seu pescoço e Júlio me agarrou pela cintura. A pele de Júlio me pareceu incrivelmente suave. Meti nas mãos nos seus curtos cabelos enquanto nos beijávamos. As pontinhas dos cabelos de Júlio nas minhas mãos me provocou uma vontade ainda maior de abraçá-lo e de beijá-lo. Nos chupamos os lábios e contorcemo-nos as línguas dentro da boca um do outro em movimentos coordenados e húmidos até que o desejo nos despiu das ligeiras roupas que usávamos e o cansaço nos empurrou sobre a cama. Entregamo-nos a uma paixão morna e macia como as mantas de uma cama ou o agradável sol das manhãs. O corpo de Júlio parecia se encaixar ao meu. Sentiu alegria ao ver no seu rosto a expressão do prazer enquanto o penetrava até que veio o prazer e com ele a sensação de estar exaustos e satisfeitos. Nos abraçamos e então nos demos conta de que já havia anoitecido. Lembrei-me da *Hora do Ângelo*, seis da noite. Quando era pequeno havia ouvido dizer que se alguém desejasse alguma coisa nessa hora, os anjos diriam amém e isso se tornaria realidade. Pensei para mim mesmo que não queria desejar nada. Pensei o quanto era bom que as coisas fossem como eram, o quanto essa indefinição me fazia sentir livre; a ponto de perder tudo mas a ponto de ganhar tudo. O futuro se definiria quando tivesse que se definir, pensei e senti certo vazio mas também certa alegria. Olhei para Júlio por um instante e ainda que me parecesse lindo aquele homem, sentiu uma ponta de tristeza por ele pois soube naquele momento que o que eu necessitava realmente

não era uma relação, mas viver a liberdade e a leveza que me neguei a viver até aquele momento.

Era incrível que de repente eu tivesse perdido toda a vontade de ter uma relação duradoura. O mais importante agora era recuperar a sensação de estar livre, vivo e dono do meu destino. Missão difícil, mas não impossível, estava provado já quando me abri para Júlio e para o bolo do Joel. Por certo, o que eu vou usar mais tarde? É melhor começar a pensar nisso...

—Vou tomar um banho. Ainda temos que jantar e comer o bolo do Joel. — Disse enquanto me levantava da cama.

—Você já sabe como vai ser sua fantasia?

—Não tenho nem ideia, mas vou pensar enquanto tomo banho. — Respondi.

—Posso tomar banho com você?

—Claro, vem!

Júlio e eu nos metemos sob o chuveiro. A água estava tão morna quanto me pareceram os lençóis da cama quando me deitei com ele pouco tempo antes. Seu corpo me seduziu outra vez e nos abraçamos e nos beijamos como se fosse para sempre sob as gotas cálidas que dançavam por nossos corpos excitados — Boca à boca, umbigo contra umbigo, perna contra perna, pênis contra pênis. Outra vez o tempo passou sem nos darmos conta, mas desta vez tudo não passou de um banho morno com direito a beijos e carícias.

Depois do banho disse que sim enquanto secava o cabelo com a toalha, saí vestido só com um calção. Caminhei pelo corredor em direção a cozinha. Olhei para trás pois percebi alguma movimentação do lado contrário, mas não vi nada. O corredor de lajotas vermelhas era sempre essa ligação entre os pólos da casa que por vezes se eletrizavam e por vezes se neutralizavam entre a sala e a cozinha. Mas lembrando dos momentos passados com o Júlio e mesmo entre João e Paulo, tive a sensação de que o sítio inteiro estava eletrizado de uma energia quente sensual, que circulava a todos os momentos como os elétrons em volta da massa de um átomo.

Cheguei a cozinha, todo estava de pernas pro ar, a pia a arrebentar de pratos, havia panelas, copos, xícaras, talheres, restos de comida, tudo por cima do fogão e pela mesa. Caminhei com cuidado para não pisar em nada sujo que estivesse pelo chão, mas ao mesmo tempo sentir uma vontadezinha de rir pois sabia que isso significava que todos estávamos relaxados e passando muito bem. Abre o armário e peguei um copo; fui até a geladeira em busca de gelo. Abre o refrigerador e tirei alguns em cubos de gelo do saco com as mãos. Quando fechei a geladeira, observei outra vez a cozinha tentando encontrar algumas das bebidas que havíamos comprado, foi quando percebi a Paulo que acabara de chegar com um cigarro apagado no dedo.

—Está uma bagunça né? —Disse ele com admiração.

—Você sabe onde está aquele rum que você gosta tanto?

—Deve estar no armário, na segunda portinha ali. —Respondeu enquanto apontava com o dedo.

—A nossa! Que coisa, né? Está no armário! —Respondi com ironia.

—Pois é! Como você fez nem tudo está fora de ordem.

—Estou vendo que não! —Rimos os dois.

Enquanto ia até o armário para pegar a garrafa, Paulo pegou um copo e colocou nele alguns cubos de gelo e trouxe consigo uma garrafa de coca-cola. Ele



pôs o refrigerante sobre a bancada e me pediu a garrafa de rum. Eu lhe entreguei e ele me serviu colocando rum até a metade do meu copo. Depois serviu-se a si mesmo. Pediu-me para não beber ainda, então completou o meu copo e o seu como coca-cola. Apoiei-me na bancada junto a ele. Bebi um gole de bebida, estava deliciosa, o cheiro de cana me deu um prazer que me lembrou os caldos de cana que bebia no sítio do meu tio quando era criança. Permanecemos em silêncio ali um ao lado do outro como dois objetos mais entre essa vastidão de utensílios sujos repousando sobre todas as superfícies usáveis daquela cozinha.

—Sabe... —Interrompeu Paulo a calmaria do momento. —...havia uma pessoa que eu amava muito na Espanha... Ele era muito especial para mim. Eu gostava de tudo dele, mas ele tinha um problema...

O olhar de Paulo parecia muito distante, como se ele tivesse internamente viajado no tempo e no espaço.

—Ele não se assumia para ninguém. Nem para os amigos, nem para família. Era uma relação clandestina. —Completo Paulo. —Era como se fosse um crime, um pecado para ele. E eu sonhava em ter uma relação estável.

Paulo tirou um isqueiro do bolso da bermuda jeans e acendeu o cigarro.

—Deve ter sido difícil! —Afirmei com um tom de interrogação.

—Um inferno! Quanto mais ele tentava se esconder mais aumentava o desejo. Eu amava transar com ele, mas da porta para fora nem um beijinho discreto, andar de mãos dadas era um pavor para ele. Ele achava que ia encontrar os companheiros de trabalho ou alguém da família.

—Ele dizia que não podia contar para ninguém porque uma vez fora do armário não podia mais entrar. —continuou.

—Ué? E para que entrar de volta?

—Vai entender. Até hoje não entendo do que ele realmente tinha medo. É por isso que eu gosto do Joel, ele não tem medo de ser quem ele é realmente. Por que ele vai e assume pra todo mundo!

—Você acha que uma relação aberta pode dar certo?

—Depende...

—Depende de quê?

—Vai depender de achar uma pessoa que esteja de acordo com esse tipo de relação. —Disse Paulo seriamente.

—E você acha que vai ser muito complicado eu encontrar alguém assim? —Perguntei com interesse.

—Por que? Você não quer uma relação fechada, estável?

—O que eu não quero estar fechado em uma relação. Pelo menos por enquanto. —Disse com uma certa tristeza, mas ao mesmo tempo como a sensação de liberdade e de apesar de tudo, fazer a coisa certa.

—Te entendo... —Disse Paulo depois de um longo e pausado trago de cigarro.

—Cada um tem uma necessidade diferente. —Completo.

Bebi um pouco mais do meu rum com coca-cola esperando mais algum pensamento de Paulo. Foi então que Júlio chegou.

—Eu já ia perguntar se tudo estava certo, mas parece que passou um furacão por aqui. —Disse Júlio com ironia.

—E foi a larica da maconha. —Disse Paulo.

—Larica? —Perguntou Júlio.

—É Larica —a fome que a maconha causa. —Explicou Júlio. —Além do bolo que a gente não limpou nada. —Complementou Paulo.

—Será que vocês vão ter fome para jantar hoje. — Perguntei eu.

—Sei lá. — Respondeu Paulo.

—Onde está Joel por falar nisso? —Perguntou Júlio.

—Deve estar preparando alguma coisa para esta noite. —Disse Paulo.

—Acho que com um bom copinho de cerveja, ou vinho, ou o que quer que seja a gente poderia colocar um pouco ordem nisso aqui e preparar uma jantinha fácil e rápida para a gente. Eu estou morrendo de fome! — Sugerir.

—A gente pode pedir uma pizza. —Sugeri Joel chegando de repente e já entrando na conversa.

—Tá louco não vai haver nenhuma pizzaria nesses confins de mundo. — Respondi.

—Vai sim procura aí no Google. —Disse Joel categoricamente.

—Tá certo. Então vamos ver. —Disse Júlio.

Júlio tirou o celular do elástico calção e começou a procurar.

—Têm alguns aqui.

—Escolhe o que tem melhor pinta. —Disse Paulo.

—Só falta escolher o sabor. De que vocês querem? —Perguntou Júlio.

—Pede uma margarita e uma de atum. —Respondi por todos. —O que que vocês acham? —Perguntei.

E os outros concordaram e nos colocamos a preparar a mesa e a sala para nossa noitada. Finalmente achei que a ideia foi boa pois economizava tempo e na verdade ninguém estava mesmo afim de ficar trabalhando na cozinha.

O entregador veio numa moto em pouco mais de meia hora. Como a ideia foi de Joel, foi ele que foi receber as pizzas. Ele foi até o portão todo se rebolando para receber o entregador. O entregador era um senhor de uns 50 anos com um bigode grisalho e uma barriga enorme.

— O que é que houve Joel? Que cara é essa? —Perguntou Paulo.

—O homem nem conferiu o dinheiro direito. Saiu feito um louco! — Respondeu Joel. —Ficou tão espantado com a cena que nem quiz esperar por uma gorjeta —Completo.

—Rapaz você deve ter assustado o homem. —Respondeu Júlio rindo. —O povo aqui não deve estar acostumado com isso. — Complementou Júlio.

—Oh povo matuto! Parece que nunca viram uma bicha. —E respondeu Joel.

—Por falar nisso, vocês já pensaram em que fantasia vão usar hoje? — Perguntou Paulo.

—Eu acho que sim. Essa história me deu uma boa inspiração. —Respondi rindo.

—Eu estou com pouca criatividade. —Disse Paulo.

—Eu também ainda não sei o que vou fazer. —Disse Júlio.

—Eu nem me preocupo. Daqui a pouco invento alguma coisa. —Disse Joel levando a pizza para a mesa da varanda.

Comemos a pizza ali mesmo com as mãos sem querer saber de pratos ou talheres. Estava deliciosa.

—Paulo traz logo esse bolo. Enquanto a gente não comer esse bolo a festa não começa! —Gritou Joel.

Senti que Joel estava um pouco inseguro pois por primeira vez ele não estava com essa bola toda. Talvez estivesse cansado, ou será que a história do entregador lhe afetou de algum maneira? Uma certa apreensão também me invadiu. Meu medo era de perder o controle e fazer ou dizer alguma coisa que eu não tinha coragem de dizer estando sóbrio. Temia dizer ao Júlio que eu não queria uma relação estável com ele apesar de que eu queria transar mais, mas sem compromisso. Era um problema que eu tinha que resolver sem ofendê-lo e se possível sem perdê-lo. No final, o meu medo era que ele me achasse um “puta”, um superficial. Um cara da minha idade já tinha que estar interessado em coisas mais estáveis, mas que experiência eu tinha? Nós gays começamos nossa vida sexual muito tarde. Quando eu era adolescente eu não podia me relacionar com quem que eu queria, ao contrário da maioria dos meus amigos e amigas heterossexuais. Além da pressão que eu tive que aguentar. Definitivamente havia mil coisas que eu não estava afim de perder de controle e que eu ainda tinha que aprender e desfrutar antes de querer uma relação estável.

—Vem cá, você disse antes que o efeito dura 3 hora, né? E se eu ficar com medo, como é que eu vou fazer? —Perguntou Júlio. Nesse momento senti até um alívio que tenha sido ele quem tenha feito a pergunta pois outra coisa que eu não estava afim era de mostrar para Joel que eu tinha algum tipo de medo.

—O pior que você pode fazer é ficar com medo, Júlio. —Disse Joel. —Tem que procurar entrar numa *vibe* boa. —Completo.

—Eu detesto falar besteira. E se eu disser alguma coisa que não queria falar? —Perguntei como quem não queria nada.

—Provavelmente ninguém vai se lembrar depois. A cannabis faz a gente esquecer das coisas muito rapidamente. Você só vai lembrar de ter rido muito. — explicou Joel enquanto cortava um pedaço de bolo e comendo-o de uma forma que tentava mostrar uma certa segurança e superioridade que pareciam claramente falsas e soberbas. Senti que estava por algum motivo tentando mostrar que estava no controle.

—Você é uma péssima influência Joel! —Disse Paulo rindo.

—Isso é uma grande injustiça.

—Injustiça? —Perguntou Júlio.

—Eu não obrigo ninguém a fazer nada. As pessoas têm é inveja da minha liberdade... —Disse Joel. —Nem todo mundo pode ser livre como eu. —Completo com soberbia.

—É verdade! Estamos mortos de inveja da sua liberdade! —Respondi ironicamente.

—Claro que estão. Não foi por isso que vocês toparam comer o space-cake? Pensam que eu não sei? —Disse Joel.

—Eu resolvi provar porque eu nunca provei nada disso antes e quero saber como é. Não tenho inveja de ninguém!

Na verdade eu sentia sim inveja da liberdade de Joel mesmo, mas o que que eu ia fazer? Entregar os pontos e assumir que eu queria ser tão “solto” como ele? Isso me obrigaria a dizer que ele tinha razão e a gente tem um pouco de orgulho próprio! Do contrário, só me restaria ser um subalterno de Joel e ele não terminava nem de me caiu bem.

Cortei também um pedaço de bolo e comi.

—Me desculpa, mas a liberdade não é propriedade de ninguém. Decretei enquanto comia um bolo. Joel se levantou, foi até a geladeira e pegou uma cerveja.

—Estão mortos de medo — disse Joel antes de sair.

Paulo cortou um pedaço de bolo em silêncio e saiu para a varanda comendo-o. Júlio ficou sentado ali no outro lado me observando atentamente enquanto eu cortava um pedaço de bolo para mim. Ele pediu um pedaço para ele também. Comemos os dois o bolo ao mesmo tempo.

Se você sentir medo é só você vir para perto de mim. — Disse Júlio.

— Se é você que está com medo.

— Quanto mais a gente se desesperar pior. — Respondeu apreensivo.

— É. Acho que você tem razão. Me levantei e fui procurar alguma coisa para construir meu vestuário. Quando me levantei vi que o Paulo estava no jardim onde havia umas flores de cor rosa-claro gigantes. Ele parecia uma borboleta girando ao redor dessas flores. Indaguei-me se já havia dado tempo de fazer efeito o bolo, mas seguir o meu caminho em busca de algo para o meu disfarce. Mas aquilo não seria um disfarce, pois eu não ia disfarçar ou fingir nada. Seria muito mais uma fantasia, uma imaginação, uma ficção. Não tinha nada a ver com fantasia no sentido de uma vontade extravagante, um desejo caprichoso. Era um truque para aprender a me expor, para perder o medo ao ridículo, para quebrar as amarras da timidez e rir de mim mesmo, para ir além do meu eu.

A liberdade desejada era um sentimento de vertigem medo ao vazio. Um estar à beira de um precipício e, ter o estômago contraído, o medo de me comprometer, de estar definitivamente ligado ao mundo por alguma pata gigante de um povo em visível inevitável. O monstro da vida que não poupa ninguém. Como andar por esse mundo entre o desejo da liberdade e essa ligação inevitável a responsabilidade alguma coisa? Não seria a liberdade uma ilusão? Mas de todas as maneiras era eu que teria que escolher o caminho pelo ardo e delicioso deserto da vida.

Fui até o meu quarto e revirei a minha mochila. Encontrei uma camisa floreada tipo daquelas que os turistas gostam de usar. Achei que podia ser interessante para minha fantasia. Também tive uma ideia com uma camiseta preta. Pronto, já tinha tudo. Só faltava um short bem levantadinho para construir o meu personagem. Pensei numa música que tivesse a ver com a personagem que estava criando. Resolvi provar toda minha fantasia. Coloquei a camiseta preta na cabeça como se fosse uma peruca. Tirei o cadarço do tênis e amarrei na parte de trás da camiseta imitando uma trança, depois vestir a camisa e dei um nó nas pontas fazendo um top. Aí vestir um short e puxei-o bem para cima. Senti-me sexy e vulgar. Essa emoção me fez ficar excitado. Olhei-me no espelho. Desta vez senti-me ridículo, mas gostei muito de rir de mim mesmo. Tive a impressão de ser outra pessoa. Parecia que eu estava em outro lugar; era estranho e excitante. Senti-me uma travesti em quarto de bordel, talvez em São Paulo.

De repente comecei a ouvir gargalhadas que vinham da varanda e quiz saber quem estava rindo e por quê. Era Júlio. Não consegui saber do que ele estava rindo porque quando ele me viu ele começou a rir de mim também. O riso contagiou-me de uma forma que meu rosto doía. Tive a impressão que ficamos rindo assim a toa por uns 15 ou 20 minutos. Acho que nunca ri tanto na minha vida. E a gente ria de tudo: do Paulo no jardim colhendo flores, da minha roupa,

do banco do jardim que era só um tronco de árvore, da estampa das toalhas de mesa que eram muito cafona, de tudo.

Disse ao Júlio que queria fazer um show e perguntei se ele queria me ajudar na hora colocando a música. Perguntou que música seria, mas eu disse que ele iria saber no momento. Ele disse que sim, que me ajudaria.

—Você tem alguma coisa planejada para mais tarde? — Perguntei.

—Tenho mas só vai saber no momento também.

—Está certo!

Nesse momento Joel chegou.

—E vocês estão alegres demais. Você vai rodar bolsinha onde? — Disse Joel olhando pra mim.

—É isso mesmo. Nunca me senti tão feliz. Sou a putinha da Serra! — Responde me requebrando. — Não é isso que você gosta?

— Eu? Você está louca! — Respondeu Joel.

— Eu estou adorando minha alma gêmea feminina.

— Deve ter enlouquecido...

— Você não vai se fantasiar? — Perguntou Júlio.

— Talvez não! — Respondeu Joel de mau humor enquanto saía.

— Acho que ele está com inveja de você. — Disse Júlio.

—Não sei. Tenho a impressão que ele está chateado com alguma coisa, mas não é comigo.

—Seja lá o que for ele não está muito inspirado hoje.

—Vem cá patinha. —Disse Júlio me puxando pela mão. —Quanto custa seus serviços?

Júlio me sentou no seu colo e nos beijamos intensamente por um bom tempo sentados na cadeira de balanço. Depois ele quiz se levantar, foi até o quarto e trouxe um aparelho de som sem fios. Ligou o aparelho colocando a música bem alto.

—Vamos lá galera! Vamos começar o show! —Gritou Júlio.

Joel apareceu com uma cara séria, se apoiou na parede vestido do jeito que estava antes. Paulo veio com ramos e flores penduradas onde quer que desse na roupa, nos bolsos da bermuda, na gola da camiseta, detrás das orelhas, no cabelo. É verdade que estava todo se coçando principalmente nos calcanhares pois devia ter pisado alguma erva daninha. Pediu para Paulo colocar uma música de balé e dançou jogando as flores em nós. Eu e Júlio o aplaudimos. Como Joel parecia não estar gostando Júlio foi direto a mim.

—Agora é você.

Tirei meu celular do bolso e lhe mostrei a música que eu queria. Combinei com ele o que ele tinha que fazer. Vou até o corredor e quando eu voltei para sala a música começou. Foi uma grande entrada. Cheguei cantando e dançando com movimentos cadentes e sensuais:

*Vou te contar a lenda da bixa esquisita  
Não sei se você acredita ela não é feia (nem bonita)  
Mas eu vou te contar a lenda da bixa esquisita  
Não sei se você acredita ela não é feia (nem bonita)*

Aquela música da Linn da Quebrada tinha muito a ver comigo. Finalmente eu tinha começado a me dar conta.

*Ela sempre desejou ter uma vida tão promissora  
Desobedeceu seu pai, sua mãe, o estado, a professora*

...

*Mas sabe que pra ter sucesso não basta apenas estudar  
Estudar, estudar, estudar sem parar  
Tão esperta essa bixona, não basta apenas estudar*

É verdade. Eu tinha passado a vida estudando para agradar meu pai, minha mãe, a sociedade. Mas tinha desobedecido mesmo assim a todo mundo porque não basta estudar, estudar, estudar. Tem que ser como todo mundo. Tem que ter trabalho, mulher, fazer bebês e morrer como um hétero ortodoxo.

Mas todo mundo riu mesmo com o refrão:

*Eu tô bonita? ('Tá engraçada)  
Eu não tô bonita? ('Tá engraçada)  
Me arrumei tanto pra ser aplaudida mas até agora só deram risada*

Quanto mais eles riam eu gostava. Nunca curti tanto me exhibir. O riso me dava uma força que eu não havia imaginado nunca. A música terminou. Paulo e Júlio me aplaudiram. Inclinei-me agradecendo os aplausos.

—O Jonas não quer uma relação estável. —Soltou Joel com maledicência.

Todo mundo olhou para ele com uma cara de incredibilidade. De tão fora de lugar ninguém conseguia entender. Até pensei em ficar com raiva, mas era patético ouvi-lo dizer aquilo.

—É verdade! Eu ouvi ele dizer pro Paulo. —Insistiu.

—E o que é que você tem a ver com isso? —Perguntei.

—Você não quer nada com o Júlio!

—Quanta inveja, meu Deus! Você pensa que é só você que pode ficar com alguém sem compromisso? Será que o Paulo tem alguma esperança que ter uma relação estável contigo? Tenho certeza que não!

—Meta-se nos seus assuntos!

—Meta-se você nos seus assuntos. Na minha vida mando eu!

Paulo ficou calado, mas Júlio quiz apaziguar as coisas.

—Não importa. Nós só estamos ficando. Muita coisa tem que acontecer ainda. Vamos nos acalmar. Tudo estava indo super legal. Não vamos começar com brigas.

—Eu nunca quiz briga, mas não posso controlar como as pessoas pensam. Eu não agredi ninguém. Não sei porque ele está assim comigo?

—Você está me agredindo o tempo todo. —Disse Joel.

—Eu? Quando que eu te agredi?

—Você cantou essa música aí para me ridicularizar.

—Nossa!! Vamos deixar. Não tem como discutir com uma pessoa quando ela tem uma percepção totalmente distorcida da realidade. Desculpa. Se eu te ofendi com isso, mas não foi minha intenção.

Sai em direção ao jardim me sentido bem estranho, mas ao mesmo tempo me sentido superior já que tinha provado de alguma maneira que era Joel que

tinha algo contra mim e não o contrário. Também era verdade que ele tinha me ajudado bastante a ver as coisas de maneira diferente. Júlio veio atrás de mim.

—Desculpa!

—Você fez a coisa correta.

—Não querer nada contigo?

—Não. Você disse pro Paulo o que realmente pensava.

—Deveria ter ficado calado.

—Jonas, se você não tivesse falado você iria mentir para você e para mim.

—É cedo demais para mim amar alguém.

—Você vê essa mata escura? Não é difícil se perder nela. Por isso eu disse que o subconsciente leva a gente para o lugar onde a gente quer realmente estar. Você não me ofendeu com isso. O que está em jogo é maior que a gente. Fica tranquilo.

Júlio disse que iria voltar para dentro e que depois a gente se falaria. Eu fiquei ali no jardim. Caminhei um pouco pensativo até que resolvi voltar também.

Quando voltei para casa o clima já estava bem mais calmo. Júlio estava deitado no sofá.

—Eu nunca me perdi numa mata, mas também não quero me perder.

—Está claro que você não vai se perder. —Respondeu Júlio.

—Acho que vou dormir.

—E se eu for com você?

—Você que sabe.

—Vamos se não sou eu quem vai se perder lá na mata.

—O que é que você iria fazer lá?

—Buscar um lobisomem para me atacar em dia de lua cheia.

—Pode deixar comigo que eu faço isso.

—É. Mas só em noites de lua cheia!

—Tá certo! A cada quinze dias não está mal.

—Vamos meu lobisomem juvenil!

Terminamos a noite juntos. Júlio trouxe o aparelho de música e um pouco de vinho. Terminamos fazendo sexo outra vez e Júlio me disse que não se preocupasse com relação alguma. Dormimos abraçados e completamente nus.

No dia seguinte parecia que Joel havia esquecido o que aconteceu na noite anterior, ou pelo menos ele quiz dar essa impressão. Percebi Paulo um pouco sério. Talvez porque Joel ter usado nossa conversa para colocar Júlio contra mim, ou talvez por perceber que ali em Guaramiranga se havia acabado a possibilidade de uma relação. Não sei. O certo é que a meia manhã cada um fez sua mochila, limpamos a cozinha, recolhemos o resto de comidas e bebidas e nos fomos.

